



# MESA REDONDA

Contraponto de opiniões

NESTE SUPLEMENTO  
A Nova Ordem  
Económica  
Internacional

Participam

- Maria de Lurdes Pintassilgo
- Luis Echeverria
- Dragaljub Najman

A Nova Ordem Económica Internacional é uma aspiração dos povos dos países pobres, um imperativo de consciência para os homens de boa vontade, o que quer dizer que muita água terá de correr sob as pontes até se alcançarem os objectivos de um equilíbrio no desenvolvimento, maior justiça na distribuição da riqueza e igualdade de oportunidades no trabalho, saúde e educação para todos os 4 mil milhões de seres humanos do planeta. A Nova Ordem Económica Internacional, o diálogo Norte-Sul, uma justa repartição do mercado internacional do trabalho ou simplesmente, o progresso económico, social e cultural dos países pobres está, apesar de tudo na ordem do dia.

Lisboa assistiu na passada semana a um seminário organizado pela CIFAG do Instituto de Participações do Estado em que os convidados e autores de comunicações foram Luis Echeverria, Dragaljub Najman e Maria

de Lurdes Pintassilgo.

A dra. Maria de Lurdes Pintassilgo é chefe da delegação permanente de Portugal junto da UNESCO, Dragaljub Najman, jugoslavo, é subdirector daquela agência das Nações Unidas, sendo o prof. Echeverria, antigo presidente mexicano, membro do comité executivo da mesma organização e presidente do Centro de Estudos Económicos e Sociais do Terceiro Mundo. Dragaljub Najman é igualmente especialista em assuntos de educação, tendo publicado em 1974 o livro «Enseignement Superieur - a quoi faire?».

Estes, os três participantes da «Mesa-Redonda» do «DL» em que «Nova Ordem Económica Internacional», a educação e o Homem são o objecto da reflexão que apresentamos.



«DL» - Como nasceu e se desenvolveu a necessidade de defender uma «Nova Ordem Económica Internacional»?

Luis Echeverria - Este tema é motivo de preocupação nos círculos mais diversos de todo o mundo e foi produzido pela crise que afecta muitos países. É natural que se procurem soluções. A ideia nasceu, como é sabido, da Assembleia Geral das Nações Unidas, há cinco anos atrás. Analisaram-se os problemas contemporâneos que se mantêm, não inalterados, mas agravados. E lançou-se a ideia de uma nova ordem económica internacional (NOEI). Na realidade, falou-se, muito e continua a falar-se e a repetir-se, um conjunto de



Todos nós estamos condicionados por uma formação que recebemos e que nos ensinou desde muito pequenos que o processo educativo é integrado e no qual a instrução e a educação fazem parte de um todo. É falso ou está a tomar-se falso.

Nós devemos pôr a questão como foi inicialmente colocada: Quais são as coisas que a máquina pode fazer melhor que o homem e quais as que o homem pode fazer melhor que a máquina? Torna-se evidente que a aprendizagem da Matemática pode ser feita dez vezes melhor pela máquina que pelo homem, mas que a educação, no sentido da compreensão dos mecanismos da sociedade ou das instituições, será dificilmente trans-



nacional (NOEI). Na realidade, falou-se, muito e continua a falar-se e a repetir-se um conjunto de ideias, como aconteceu aqui em Lisboa. Os problemas não são apenas económicos. Reduzi-los à Economia seria simplificar a realidade e a realidade é mais complexa que a Economia, se bem que esta seja um factor básico. Muitos outros factores, porém, a condicionam, projectam e alteram. Por exemplo, a História ou a Política. E, quando falo da História, refiro-me à de cada país e à de todo o mundo. Quando digo Política, reporto-me quer à interna, quer à internacional. Há a necessidade de adoptar uma



no sentido da compreensão dos mecanismos da sociedade ou das instituições, será dificilmente transformada num processo de instrução. Por isso, se torna importante desagregar de novo os conceitos, tanto nos países desenvolvidos como sob o ponto de vista Norte-Sul. Nas relações Norte-Sul, a instrução pode transferir-se, a Matemática é a mesma em França que no Gabão mas, há uma série de outros domínios que relevam da educação do ser humano, da sua preparação para a vida. No fim de contas, a educação é isso. Essa educação deve permanecer ou

# UMA NOVA ORDEM OU UM NOVO HOMEM?

Fundação Cuidar o Futuro



atitude multidisciplinar que englobe a análise dos mais diversos factores que influenciam a Economia, antes e depois dela.

«DL» — O sr. Presidente referiu na sua intervenção em Lisboa que existem três factores diferentes e inerentes à NOEI: a descolonização das relações internacionais, a integração do conceito de desenvolvimento e a transformação do sistema de relações desiguais que constituem a infra-estrutura material e ideológica do edifício económico-social. Deseja desenvolver estes três factores?

Luis Echeverria — Não é apenas o desequilíbrio das relações desiguais, é o próprio conceito de desenvolvimento que há que rever, partindo da natureza completa do Homem. Um homem explorado, um homem pobre por ser explorado, não se converte num homem sábio e saudável apenas por ter enriquecido pelo acaso do destino.

Se esse homem estava doente e não era sábio, continuará sem saúde e ignorante. Quero dizer que o desenvolvimento é algo de integrado. O desenvolvimento é Economia, é verdade, mas também é Educação, Cultura e Saúde, como Habitação ou oportunidades de trabalho. Diria ainda que não há desenvolvimento, em situações concretas, se não houver planeamento demográfico e familiar. Tudo isto é um conceito renovado de desenvolvimento. Os intercâmbios comerciais são óbvios e no meio das dificuldades é o mais fácil de entender. O resto, o que diz respeito à Política ou à Educação, envolve mais problemas. Talvez, nestes aspectos, se devesse falar de «uma nova ordem» em vez de uma Nova Ordem Económica.

## A EDUCAÇÃO, O HOMEM NOVO

«DL» — A Educação, ou o direito à Educação que o homem

tem, foi referido pelo prof. Echeverria. O sr. Dragaljub Najman é um especialista da matéria. O quê e como deve ser feito para se alcançar a satisfação do direito enunciado?

Dragaljub Najman — Eu creio que no domínio da Educação, as coisas são bem mais complexas que no domínio tecnológico. Se se pode falar de «transfer tecnológico» e mesmo Mao Tse Tung o defendia em 1956, ou seja transferir tecnologias tal como existem, no momento em que se passa a um nível superior, ao da Ciência, já não podemos falar de «transfer» científico. A Ciência é endógena, criada numa infra-estrutura ao mesmo tempo material e humana nacional ou é um corpo-estranho num contexto nacional. Não há «transfer» científico. Assim, penso que a Educação se encontra a meio caminho entre a Tecnologia e a Ciência. Há certas coisas que a educação pode transferir, certos conhecimentos, e,

neste aspecto, a língua francesa faz a distinção que, na prática raramente se utiliza, entre educação e instrução. Pode transferir-se a instrução, mas não se pode transferir a educação.

Maria de Lurdes Pintassilgo — Penso que o que disse é muito importante, porque na maior parte dos nossos países já passámos a fase da instrução pública para conceber uma ideia bem mais global de aprendizagem a que chamamos educação. Temos dificuldade em verificar que este processo de educação, sendo global, tem hoje a necessidade de ser de novo separado em dois elementos.

Dragaljub Najman — Isso levamos, de facto, longe. A desagregação dos conceitos educação e instrução leva-nos longe porque, daqui a dez ou vinte anos, iremos confiar a instrução a máquinas, a ordenadores. Assim o espero. Mas nunca confiaremos a educação a máquinas.

tomar-se cada vez mais uma relação entre dois seres humanos, uma classe ou um grupo. O que existe de interessante em todos os actuais sistemas de educação, é que a instrução eliminou a educação em todos os processos educativos. Os nossos programas escolares são programas de instrução e não de educação. O problema reduz-se ao exame. Estamos numa situação em que tudo o que se passa no meio formal, na escola, se reduziu à instrução. E então, espantamo-nos com todas as manifestações dos jovens... Mas, os jovens já não são educados pela escola. Recebem uma instrução e os professores queixam-se de que nem tempo têm para dar os programas porque se adiciona constantemente matéria inútil que, se junta a outra que já era inútil. E assim que da escola primária à Universidade, os nossos jovens não têm tempo de fazer outra



Maria de Lurdes Pintassilgo – O que foi dito, gera duas ordens de efeitos: uma, é o conteúdo do que foi chamado Educação. Haveria que fazer a escolha daquilo sobre o

... que sejam capazes de criar programas, fazendo apelo à tecnologia, aos instrutores, aos educadores e às pessoas do meio circundante: aos engenheiros, farmacêuticos, médicos, para que estes participem no processo educativo permanente. É aí que chegamos. Não há educação perma-

mas genérico da NOEI, gostaria de perguntar ao prof. Luís Echeverría por que dá tanta importância à transnacionalização da economia como factor negativo na definição de uma nova ordem económica internacional?

Luís Echeverría – Refiro-me frequentemente ao facto de um

UMA ECONOMIA – A transnacionalização da economia é um capítulo essencial da economia dominante dos nossos dias. Não substitui inteiramente o esquema da divisão de trabalho internacional, mas modifica grande parte das suas linhas, já que as transnacionais controlam cerca de 40% do comércio mundial e 60% dos investimentos industriais nos sectores de ponta. A transnacionalização da produção, a transnacionalização do capital financeiro e a transnacionalização dos circuitos comerciais cria situações novas que é inútil interpretar a partir da condenação ou da apologia sistemáticas. Conformam, na realidade, uma tecnoestrutura da internacionalização económica que acelera, no domínio da Ciência e da Tecnologia, já assinalada, sobre a concepção do desenvolvimento. Ninguém pode pensar que essa estrutura transnacional não represente uma gigantesca acumulação de saber organizado – que não é outra coisa que Ciência e Tecnologia – mas ninguém pode defender que essa privatização do poder económico de escala, coincida com os interesses das maiorias desapossadas do mundo. Resumindo, a contradição dos pressupostos do desenvolvimento acentua as contradições nas relações internacionais e, por isso, torna mais indispensável a recuperação crítica dos conceitos teóricos entre si e o de desenvolvimento para que seja possível definir e decifrar as metas superiores da Humanidade.

«DL» – Quando se fala na NOEI pode pensar-se que nos referimos a um equilíbrio entre os padrões de desenvolvimento entre ricos e pobres, um meio termo, ou pode pensar-se que o essencial é o surgimento de um homem novo.

### Na ordem económica: relações igualitárias

Dragajjub Najman – Para mim a NOEI é um sistema que tende a estabelecer, ao nível internacional,



Dragajjub Najman



Maria de Lurdes Pintassilgo



Luís Echeverría

## Fundação Cuidar o Futuro

que se debruçava a arte educativa. Haveria que desenvolver o sentido crítico em relação à análise e aos acontecimentos do meio circundante, aprofundando igualmente simbiose entre o indivíduo e o seu meio natural e cultural, de tal forma que fosse impregnado de valores simbólicos, morais, estéticos e outros que, fazem a riqueza da sociedade na qual ele nasceu. Seria assim feita uma transformação radical do conteúdo da educação, o que me leva à segunda questão ou consequência. Se é o conteúdo que, em primeira análise, vai sofrer esta transformação, onde estão os educadores para esta nova educação? Porque é muito duvidoso que os antigos educadores sejam os mesmos agentes capazes de ser os articuladores de um processo edu-

res. Chamo-lhes educadores e não professores. A sua especialização não se perspectivaria no sentido jovem-adulto, mas, de educação, tendo ao mesmo tempo funções de educadores de jovens e de adultos. Quer dizer, que já não faço a distinção entre pedagogo e andragogo. Há assim que formar educadores e não simplesmente especialistas de disciplinas como a língua materna ou as ciências naturais, mas que deveria ser formado para ajudar o homem como o jovem a compreender o meio em que vivem, de diminuir o grau de alienação em relação ao desenvolvimento tecnológico, científico e social. Considero que o problema do mundo em que vivemos é que, para além de qual-

nente sem organizadores das actividades educativas, que ainda não existem, razão pela qual não temos educação permanente, salvo nos discursos dos ministros. A educação permanente significa poder mobilizar a tecnologia educativa que existe: os filmes, as fitas magnéticas, a rádio, a televisão. Reunir os especialistas das matérias, os instrutores, os educadores, ou seja, as pessoas que se especializaram na explicação da sociedade e todos aqueles que sejam capazes de transferir um determinado número de conhecimentos e, que não são nem instrutores nem educadores, mas que trabalham no processo económico. Esta nova categoria de pessoal de educação é a categoria-chave. Eu digo que qualquer país que queira lançar as

programa tradicional de divisão internacional de trabalho entre países industrializados e países produtores de matérias-primas se está a substituir por esse tipo de estruturas que são as empresas transnacionais. A sua actuação não substitui ainda os conceitos que derivam da situação colonial ou imperial ou ainda das relações entre os países pobres e países industrializados sobre a divisão internacional do trabalho, mas que se projecta de outra forma e que planeia investimentos, produção e procura de mercados, mão-de-obra e matérias-primas baratas, dentro dos vasos comunicantes dos ramos que vão dar ao mesmo tronco comum que é a matriz da empresa transnacional. Este é um factor novo. A sua rejeição não tra-





# Educação e Desenvolvimento: regras da Nova Ordem Económica Internacional



Fundação Cuidar o Futuro

coisa que não seja decorar noções frequentemente inúteis.

Mas, para voltar à pergunta. A instrução é transferível. Pode ser levada ao nível universitário como a qualquer outro nível, podendo ser confiada a máquinas que farão melhor que o homem. A Educação não é transferível, pois, é um processo entre seres humanos, endógena e enraizada na identidade cultural da região ou da nação. Consequentemente, devemos favorecer o início de um processo doloroso para os educadores que é a desagregação dos dois conceitos, o que demorará muito tempo. Mas, enquanto isso se não fizer, os sistemas educativos continuarão a acumular um atraso extremamente grande em relação ao desenvolvimento económico e social dos países.

**PROFESSORES  
TRADICIONAIS  
OU NOVOS EDUCADO-**

cativo onde o jovem vai tornar-se o sujeito dessa educação, nesse diálogo interpessoal de que o sr. Najman falava. Por isso, parece-me que se deve trabalhar simultaneamente sobre os conteúdos e sobre uma formação dos educadores que se iniciaria num recrutamento diferente, pois, existe uma enorme inovação a fazer.

**Dragaljub Najman** - Perfeitamente de acordo. Há já alguns anos que descrevi esse sistema que teria quatro categorias de quadros no sistema educativo. A primeira categoria seria a dos instrutores que teriam uma formação vertical, ou seja, disciplinar, sendo os assistentes e programadores das máquinas de ensinar. Programadores, sublinho. Os melhores matemáticos deveriam programar os ordenadores que seriam depois utilizados pelas crianças para aprenderem matemática. Mas, entre estes programadores, alguns deveriam poder prestar consi-

der consideração ideológica, nós sofremos uma alienação crescente que advém do facto não apenas da nossa alienação em relação aos meios de produção, como Marx descreve, mas em relação a uma alienação provocada pelo ambiente que compreendemos cada vez menos. Isto em relação ao desenvolvimento tecnológico, por exemplo, mas, sobretudo em relação ao desenvolvimento económico que se tornou tão complexo que os próprios ministros das finanças têm dificuldade em compreender.

«DL» - Bom, chegamos à terceira categoria...

**Dragaljub Najman** - Essa terceira categoria de pessoal, a que chamo organizadores de actividades educativas. Ao nível de cada centro de educação, de cada municipalidade, cidade, região ou país, teremos necessidade de um novo perfil de pessoas que ainda não existem, e que estão nas bases

de uma reforma do sistema educativo, deveria começar por formar os organizadores de actividades educativas.

**Maria de Lurdes Pintassilgo** - Existe um problema naquilo que o sr. Najman diz. Para mim, tudo o que se diz sobre educação permanente é uma imensa caricatura ou um logro. É necessário distinguir entre educação permanente e educação de adultos e entre educação permanente e reciclagem. Pois aquilo a que nós chamamos vulgarmente educação permanente, é, na maior parte dos casos, uma formação profissional acelerada ou adaptada e mesmo uma reciclagem profissional.

**A transnacionalização da economia**

«DL» - Voltando aos proble-

mas de uma reforma do sistema educativo, deveria começar por formar os organizadores de actividades educativas.

duz uma atitude anti-industrialista ou antiprogressista. Refiro-me ao progresso social que significa a Ciência e a Tecnologia, mas que a observação de um facto concreto que os países pobres devem aproveitar, e isso não é possível de atingir se não há um modelo nacional de desenvolvimento para cada país. Um modelo feito de acordo com as circunstâncias e o projecto nacional que cada país deve ter. Só que, há países tão pobres e atrasados que não têm os elementos técnicos e materiais para esboçar um projecto nacional próprio. Eu creio que as Nações Unidas, a UNESCO, a FAO, a UNIDO, etc., podem colaborar através dos seus peritos com os países mais atrasados, no sentido de colaborar na definição dos seus projectos nacionais de desenvolvimento.

«DL» - Quais são as relações de dependência criadas pelas empresas transnacionais?

Luís Pacheco - A dependência





## MESA REDONDA



# O Homem é o centro do desenvolvimento

pois, o processo de integração económico foi mais rápido. Os países árabes não imporão mais nenhum embargo de fornecimentos, como outros fornecedores de matérias-primas o não farão também. Isto, pela razão simples de que foram integrados no sistema. As imensas fontes de receita que os países produtores de petróleo acumularam desde o aumento dos combustíveis foram reinvestidas nas economias ocidentais. Assim, cortando o abastecimento de petróleo, cortam o ramo em que se

ao que se irá inventar nos próximos oito anos, não me custa a conceber que se descobrirá o processo de dominar as fontes de energia que hoje se conhecem mas não se dominam. A energia solar ou a geotérmica são praticamente mesgoteáveis. Resta saber como se podem utilizar massivamente. Neste ponto de vista, o aumento do preço do petróleo é uma bênção do céu porque, quando o preço do petróleo sobe, mais essas formas de energia se tornam rentáveis. Os norte-americanos, como se sabe, têm in-

uma projecção no Futuro do Passado. Não estou inquieto. Aqueles que dizem que o esgotamento do petróleo provocará danos irreparáveis, fazem o papel do Hegel que pensava que a História estivera em movimento até ele aparecer. Ora não foi isso que se passou e o mesmo se aplica à Ciência.

Eu insisto neste ponto: o Homem desenvolve-se a uma velocidade bastante mais lenta que o desenvolvimento científico e tecnológico, e a sua adaptabilidade atinge momentos de ruptura. É aí que se en-

### Uma tomada de consciência universal

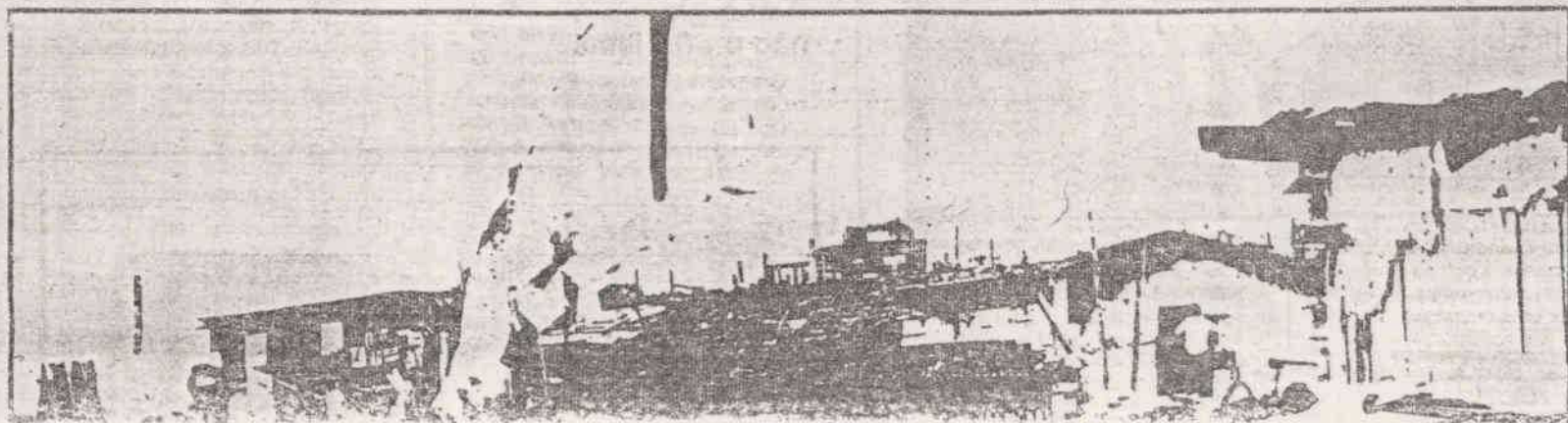
«DL» O custo social do sistema de desenvolvimento faz-se hoje a valores elevados. Os países mais ricos e opulentos não ultrapassaram a etapa histórica de desenvolvimento. A frase é do prof. Luís Echeverría. Quer explicar?

Luis Echeverría - Em primeiro lugar quero dizer que é uma forma

primas e comprar melhor e mais baratos os produtos manufacturados, não desejando exportar inflação ou outros factores igualmente exportáveis e que geram desemprego na situação de uma população que cresce muito rapidamente mas, que aspira a um desenvolvimento pleno. Um desenvolvimento pleno que nenhum investimento nacional ou estrangeiro pode por si só motivar. Assim, nos países mais pobres e atrasados e com maior desemprego, criarem-se muitas fontes de trabalho, gerar-se uma grande produção alimentar não é o mesmo que dizer desenvolvimento. Desenvolvimento é a plenitude a que, como seres humanos, todos aspiramos.

«DL» - A Nova Ordem Económica Internacional, apesar dos documentos aprovados no âmbito da ONU não sensibilizou de sobremaneira os países desenvolvidos...

Luis Echeverría - Parece justo dizê-lo. Os países industrializados não deram apoio à NOEI porque impunha, de algum modo, uma mutação nas relações internacionais. Supunha também no quadro da transnacionalização da economia, uma revisão das formas de dominação convertidas em técnicas do poder: tecnologia, investimentos directos e indirectos, sectorização à escala da industrialização sobre a autonomia dos Estados. Sem dúvida que a crise económica dos grandes países industriais, o desemprego generalizado, o descobrimento do desperdício e insuficiência dos recursos naturais não renováveis, favoreceram uma tomada de consciência nova, universal, que se explicita na aceleração do debate mundial das estruturas vigentes no Mundo.





intermédio. Noutros termos, o que é NOEI deve procurar não são os meios termos, as meias tintas, pela simples razão que esse meio supõe que, a um dado momento, o mundo desenvolvido vá parar à espera que o mundo em desenvolvimento atinja um certo nível que é sempre um nível de desigualdade. Penso que devemos recusar, teoricamente, esse conceito ao nível nacional ou internacional. Haverá sempre diferenças entre os homens e as suas capacidades. Vivirão vidas distintas, mas não necessariamente desiguais. Os países serão sempre diferentes devido às suas tradições, mas o objectivo teórico deve ser uma igualização ao nível superior do desenvolvimento, onde as necessidades atingirão um grau de satisfação tal que poderão satisfazer todas as sociedades nas suas diferentes formas, no quadro de tradições distintas como se podem imaginar no interior de uma sociedade, onde todos os homens terão a satisfação de um certo número de objectivos, o que não quer dizer que tenham todos fatos iguais e uma vida idêntica.

«DL» — Não se trata também de transferir o modelo de vida do hemisfério Norte para o Sul?

Dragaljub Najman — Não. É simplesmente um problema de atingir uma satisfação no norte e no sul que corresponda ao génio das regiões, das nações, etc., e onde a exploração dos pobres pelos ricos não seja mais a regra do jogo, eco-

serão geradas uma ocupação.

## A nova revolução tecnológica e o futuro

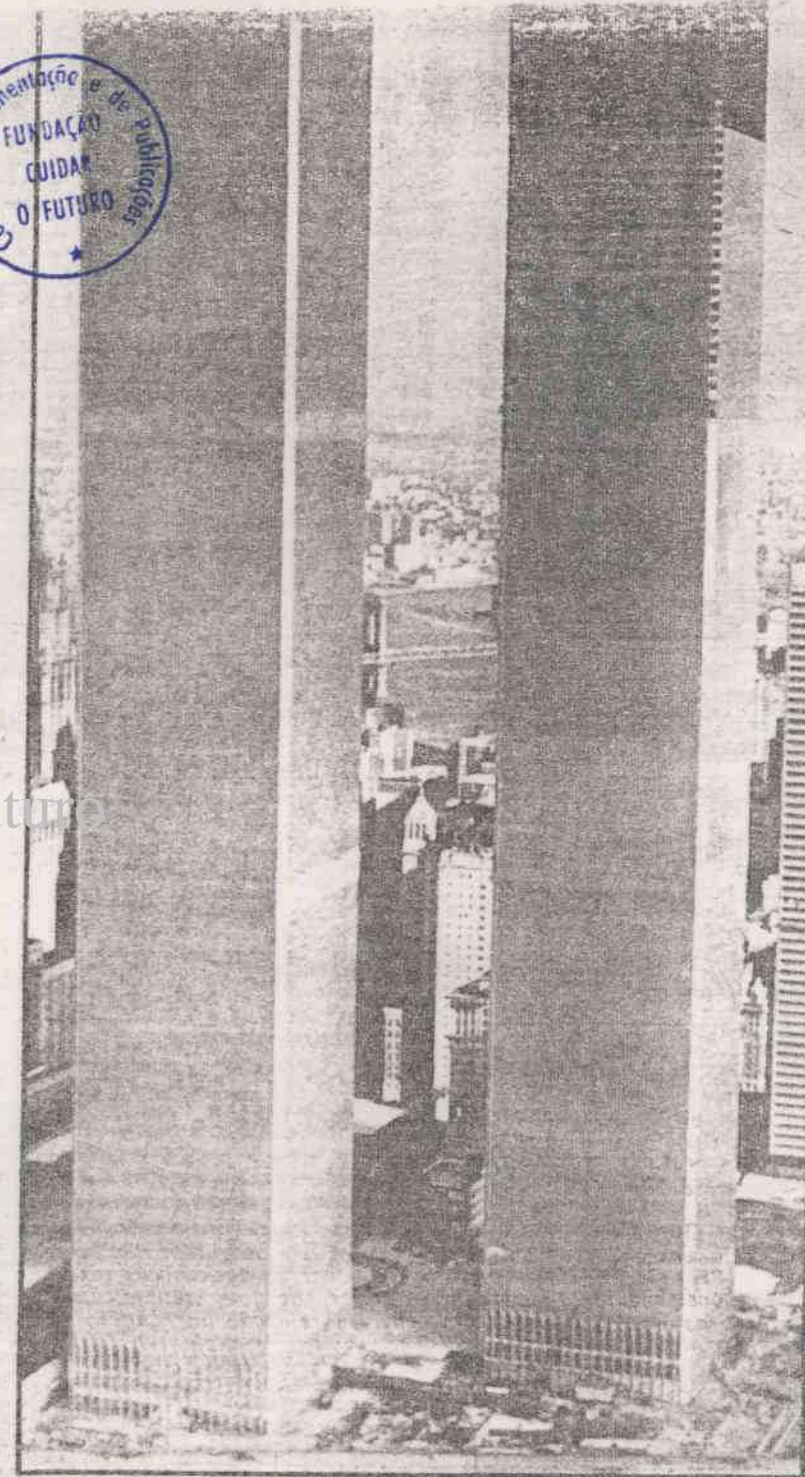
Maria de Lurdes Pintassilgo — Pelo meu lado, reconhecendo que a industrialização é um elemento indispensável para que o Sul e a sua população possa atingir níveis mínimos de existência, tenho uma outra opinião. Penso igualmente que são de recusar os meios termos. Baseio-me nesta verificação: na História da Humanidade, os 200 últimos anos constituem um período peculiar. É o período a que chamo de industrialismo em relação à ideologia dominante, a época na qual o homem pode desenvolver-se com o seu motor, a sua termodinâmica, que fez a sua revolução industrial e utilizou, a partir desse momento, os combustíveis escondidos na terra. Isso conduziu-nos ao desenvolvimento tecnológico que hoje conhecemos, da mesma forma que reconhecemos que existem recursos que estão em vias extinção, sendo improvável que possamos continuar exponencialmente essa exploração. O que eu digo, é que nestes 6 milhões de anos de História, os últimos 200 anos são um fenómeno um pouco estranho, tal como nós podemos considerar os últimos 70 anos na perspectiva das descobertas.

«Solenemente proclamamos a nossa comum determinação de trabalhar com urgência na instauração de uma nova ordem económica internacional assente na equidade, igualdade soberana, interdependência, interesse comum e cooperação entre todos os Estados, independentemente do seu sistema económico e social, a qual corrigirá as desigualdades e reparará as actuais injustiças, permitirá eliminar o fosso, cada vez mais profundo entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento e garantirá, na paz e na justiça, às gerações presentes e futuras, um desenvolvimento económico e social que será cada vez mais acelerado...»

— in «Declaração sobre a instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional».

Nações Unidas, 1.5.74

fazera. Logo, que esta seja esta no fim. Não quero dizer que se regresses à Agricultura mas, acredito que a História se move em espiral, em saltos quânticos e que desta época resta uma sedimentação dos elementos que são indispensáveis nos esforços de industrialização do Hemisfério Sul. E, se perguntar o que fica, a conversa que acabamos de ter sobre Educação, ilustra-o! O computador e tudo o que é electrónica, de um lado, e tudo o que é desenvolvimento biológico e genético, por outro, são elementos fundamentais que restam e que serão desenvolvidos numa futura fase que não sei ainda como se chamará. Mas, essa industrialização será completamente diferente. Se eu puder fazer um trabalho de pesquisa com um computador que me dê todas as referências bibliográficas das bibliotecas norte-americanas, então, a minha vida em tudo se altera. As minhas relações com o trabalho, mesmo a duração e a forma como trabalho se alteram. Se podemos imaginar um futuro assim, já no século XXI, então que tipo de homem mais livre para pensar na sua própria vida, nos seus próprios actos e mais capaz de reflexões críticas e de integrar os conceitos e valores estéticos e culturais a livros e textos? Assim, é importante verificar que as mesmas pessoas que um pouco por todo mundo reflectem e estudam a fundo essa forma de industrialismo, como ideologia dominante, são as mesmas que dizem que se não encontraré daqui senão um elemento transcendente da integração do Homem. E esse elemento transcendente que eu posso encontrar na referência em Deus, outros encontrá-lo-ão na própria marcha da História, no amanhã em que o hoje se prolonga, revivido, reactualizado de uma forma nova, de tal modo que há um amanhã que conta. Creio que essa dimensão de transcendência não pode entrar na vida dos homens a não ser na medida em que existe a possibilidade de se parar e reflectir, de ver e ouvir, de contemplar e de falarem uns com os outros. É que a vida contemporânea e a industrialização, tal como a conhecemos, a civilização industrial, não permite hoje essa reflexão. Por isso, o tipo de Homem que eu vejo não é o produto do Hemisfério Norte, mas estará







Fundação Cuidar o Futuro

relações igualitárias. Ora, estas relações igualitárias não podem estabelecer-se senão a um nível superior e não a um nível inferior ou intermédio. Noutros termos, o que a NOEI deve procurar não são os

nomicamente falando. Esse é um ponto importante. Você sabe que para explorar alguém não é necessário dar-lhe uma ocupação.

tas e desenvolvimento tecnológico é tão espectacular e profundo ou mais ainda, perante o que até aí se fizera. Digo, que esta fase está no fim. Não quero dizer que se regressa à Agricultura mas, acredito



mais próximo das culturas tradicionais, a um outro nível do seu desenvolvimento e das suas fontes materiais como espirituais.

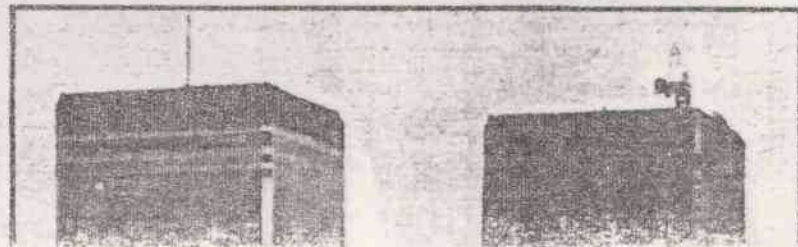
«DL» - Da forma como, há pouco, o problema do desenvolvimento foi colocado, penso que não é de afastar o desencadear de um processo de contestação inter-hemisférios, produzido pela tomada de consciência das populações dos países pobres, ao descobrirem, através do tal processo educativo, a natureza do seu subdesenvolvimento. Não estaremos na trajetória de uma nova revolução?

### A energia não é problema

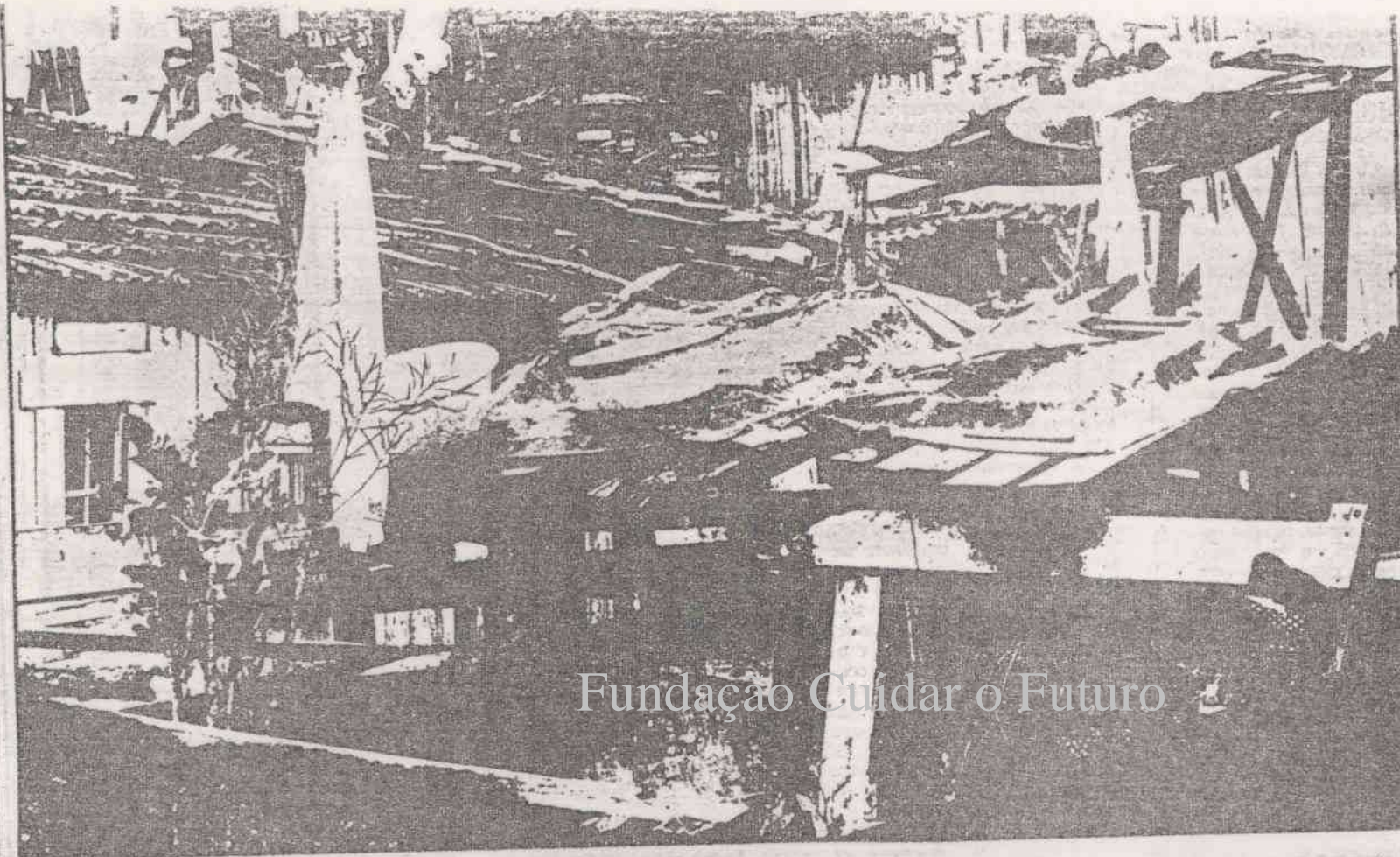
Dragaljub Najman - Esse é um problema que podíamos ter enfren-

tado no domínio da energia. Há uns anos, quando os países produtores de petróleo decidiram um embargo dos fornecimentos, podíamos esperar que esse movimento se acentuasse, e do petróleo passasse ao cobre e do cobre ao alumínio, ou seja, a um certo número de matérias-primas que estão essencialmente localizadas no Sul do planeta.

**Maria de Lurdes Pintassilgo** - Ao nível verbal, e podemos ver o que se passa nas Nações Unidas, a revolução está em curso desde o início dos anos 70. Em 1971 e 1972, tive a impressão de que essa revolução ao nível verbal já se tinha atingido.  
**Dragaljub Najman** - Sim, mas o momento crítico foi ultrapassado,







## Fundação Cuidar o Futuro

encontram sentados. Sabe-se hoje a quem pretende a Krupp, o pai e a mãe da indústria europeia... O processo de integração foi mais rápido que o processo previsto por Paul Freire e a que chamou de «consciencialização». E quando no começo dos anos 70 se corria o risco de ruptura, isso hoje já não é possível.

«DL» - Talvez se justificasse uma referência à Energia.

Drageljub Najman - Não sou tão pessimista como as pessoas que tratam do problema da energia. Se se considerar que após Oppenheimer, a massa total do conhecimento humano duplica de oito em oito anos, que tudo o que foi inventado até este momento, será igual

teresse nesse aumento para se rentabilizarem as explorações offshore, os jazigos do Alaska ou do mar do Norte, a energia nuclear, o processamento do carvão e, dentro de alguns anos, a energia solar, geotérmica, eólica ou das marés. Neste aspecto, penso que as fontes de energia são praticamente inesgotáveis ao nível de conhecimentos de 1979, mas ao nível do ano 2000, sendo o conhecimento exponencial, estou perfeitamente convencido que a Humanidade encontrará novas formas de Energia, perfeitamente rentáveis e substituindo completamente o petróleo que não ocupará senão um pequeno período na História, da mesma forma que a Idade da Pedra ou do Ferro. É

contra o cerne do Desenvolvimento. Nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos, é o homem que quebra, pois foi habituado, durante séculos, a um desenvolvimento extremamente lento, e é confrontado hoje com uma velocidade de desenvolvimento incrível. Ele, que é o próprio objecto e sujeito do desenvolvimento, é a parte mais frágil do processo, pois não o consegue acompanhar. Neste ponto, a redução do tempo de trabalho, o desaparecimento do trabalho físico penoso, etc, permitiriam ao Homem recuperar o fôlego que está em vias de perder e de ser ultrapassado neste processo que se passa no seu exterior.

de subdesenvolvimento não se compreenderem os problemas do mundo, quando se têm negócios em toda a parte. Quer dizer, pensar nos investimentos e nos produtos ou simplesmente consegui-los e desbaratá-los, não é um crescimento que todos os países desejem, com as suas culturas diferenciadas e próprias. É falso que este desenvolvimento continue a obrigar à pobreza de muitas ex-colónias ou os países que sofram um colonialismo económico. O subdesenvolvimento de que se padece no Terceiro Mundo é o produto de uma colonização ou de uma neocolonização económica. Esses países desejam viver melhor, vender melhor as suas matérias-

sal, que se explicita na estrutura do debate mundial das estruturas vigentes no Mundo.

A Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados, aprovada por uma maioria imensa de países, sublinharia, num terreno prático, a mudança ocorrida no seio das maiorias da Terra. É desnecessário dizer que a Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados não se redigiu contra os países industriais, nem como um projecto de disputa e de ruptura. A NOEI não implica nem supõe apenas e assumção da soberania, senão, ao mesmo tempo, o reconhecimento da unidade irreversível da unidade das civilizações para mudar o mundo. Significa o direito ao desenvolvimento como expressão superior da liberdade.

«DL» - A NOEI não é uma utopia, tem afirmado o sr. presidente.

Mas, a realidade não é animadora...

Luis Echeverria - Creio que quando se fala de utopia há razões concretas e tangíveis para pensar que se podem formular objectivos, por mais longínquos que estejam e se confundam com ideais. As utopias são inalcanceáveis, mas sugerem um caminho. Dizia um grande pensador sul-americano aos jovens que: Há sempre que ter uma estrela longínqua na nossa mira e tentar alcançá-la. E mesmo que nunca se atinja, nem por isso ela não deixará de brilhar.

«DL» - Não queremos deixar de agradecer a vossa amabilidade em nos dispensar um pouco do escasso tempo de que dispõem nesta visita a Lisboa. Muito obrigado.

(Mesa-redonda conduzida por José Manuel Nunes)

